


O espelho dos nomes



Ao meu irmão Marcelo,
menino-pássaro que bateu asas e
voou de volta para o céu.

O espelho dos nomes
© Marcos Bagno, 2001

Diretor editorial adjunto
Editora adjunta
Editor assistente
Coordenadora de revisão
Revisores

Fernando Paixão
Carmen Lucia Campos
Emílio Satoshi Hamaya
Ivany Picasso Batista
Agnaldo S. Holanda Lopes
Luciene Lima
Marcia Nóboa Leme
Renato A. Colombo Jr.

ARTE

Projeto gráfico

Editora

Editor assistente

Editoração eletrônica

Edição eletrônica de imagens

Katia Harumi Terasaka
Suzana Laub
Antonio Paulos
Studio 3
Eduardo Rodrigues
Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B134e
Bagno, Marcos, 1961 -
O espelho dos nomes / Marcos Bagno ; ilustração Pepe
Casals. - 1.ed. - São Paulo: Ática, 2002.
184p.: il. (Palavra Livre)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-08214-8

I. Literatura infantojuvenil. I. Casals, Pepe, 1961 - .
II. Título. III. Série.

09-5617. CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 08214 8 (aluno)
ISBN 978 85 08 08550 7 (professor)

2013

1ª edição

12ª impressão

Impressão e acabamento:

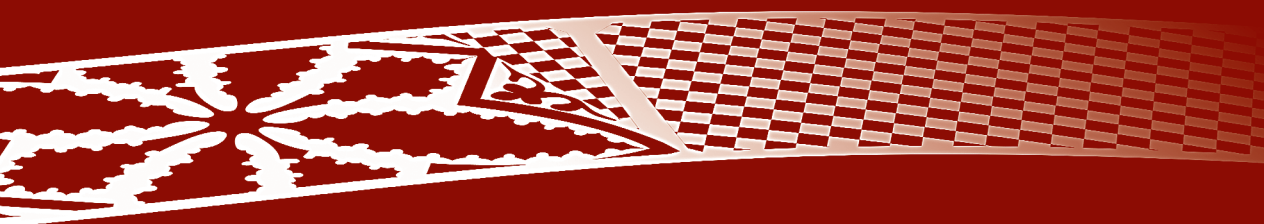
Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2002
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Marcos Bagno

O espelho dos nomes



Ilustrações
Pepe Casals

*Este livro só pôde ser escrito e publicado graças à colaboração
e às intervenções deliciosas de Júlia Francisca, Miguel Estêvão,
Maria Valentina e Xavier P. Moraes.*

ea
editora ática



■



■



■



■



■



■



■



■



■



O labirinto e o calabouço

135



O segundo quadrado mágico

151



A saudade da árvore

167



O relógio e o cata-vento

177



Prova final

179



A máscara e o poema



Usa o dedo para investigar. É um pequeno furo na parede — ele mede — na altura de seu ombro. Para lá dirige um de seus olhos, o direito. Ai, que susto! Dali vem um brilho tão forte e quente que aquele pobre olho pispispisca diversas vezes, se irrita, lacrimeja e até mesmo chora, antes de se acostumar à visão que vê.

“Como é que essa luz tão forte não passa por esse buraco?”

(Você tem razão de perguntar: por que não tem um raio, uma réstia, um fio luminoso que se projete pelo furo afora?)

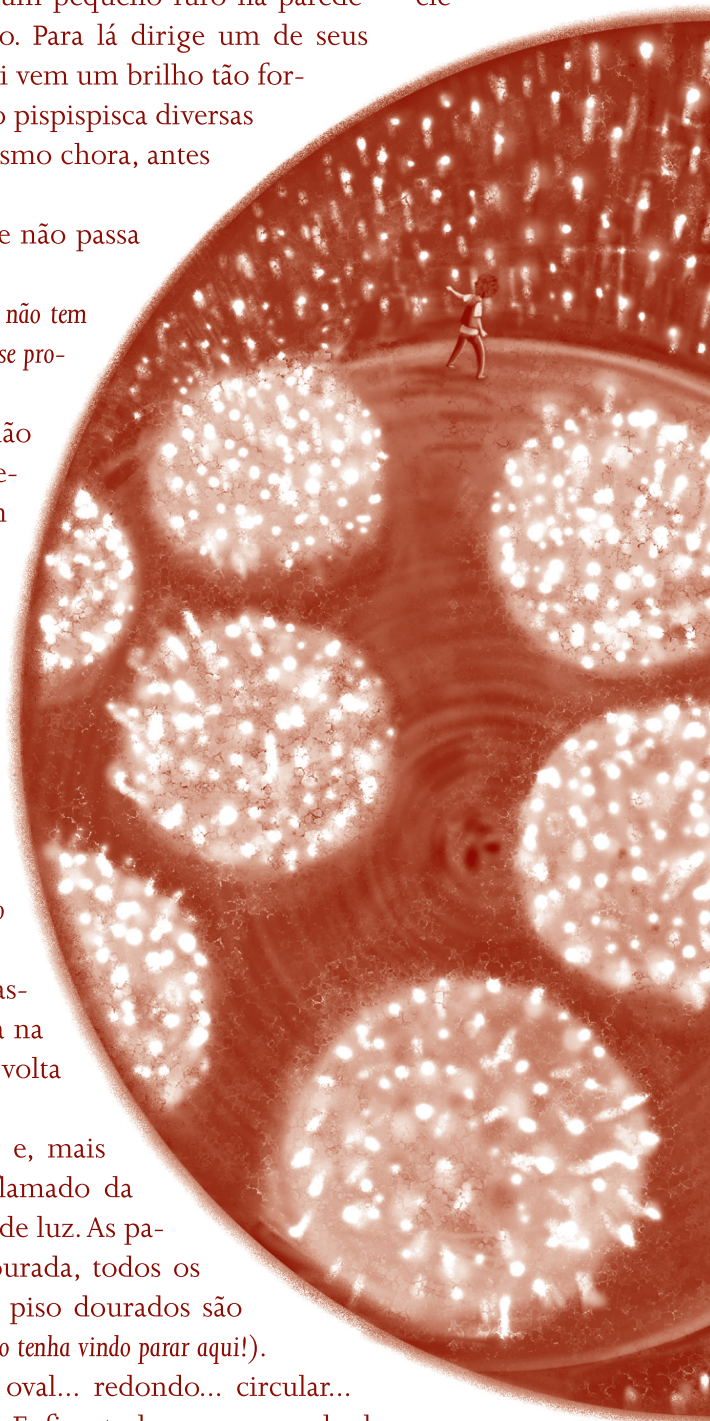
(E o que tem do lado de lá?) Um salão enorme, com treze milhões de velas acesas, suspensas no teto em lustres magnânimos (você acha que é magníficos? depois a gente vê...), arranjadas num descabro de candelabros e castiçais, esparramados sobre uma quantidade inumerável de mesas, mesas, mesas, mesas, mesas...

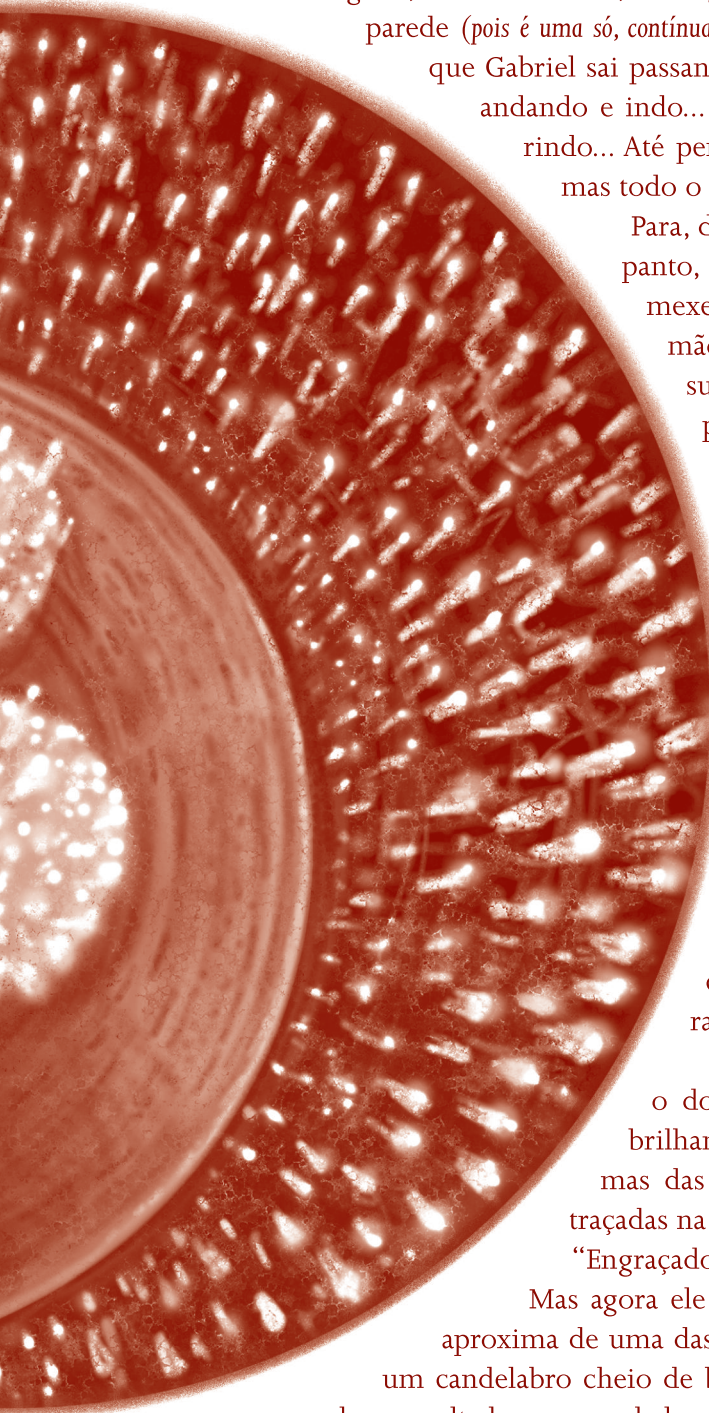
(Mas essa parede do furo não é a mesma da porta por onde Gabriel acabou de passar? o salão cheio de velas não fica do outro lado da porta?)

O menino volta sobre seus passos e volta até a porta e dá a volta na maçaneta que abre a porta que se volta para dentro do salão.

O salão que é amplo e vasto e, mais que tudo, iluminado. Brilha, inflamado da luz que as velas chamam, inflado de luz. As paredes são douradas, a porta é dourada, todos os móveis são dourados, o teto e o piso dourados são (não é possível que todo ouro do mundo não tenha vindo parar aqui!).

Este salão é... como dizer?... oval... redondo... circular... elíptico... espiralado... helicoidal... Enfim, tudo, menos quadrado ou





retangular, nada de cantos, de ângulos, de quinas nem esquinas. A parede (pois é uma só, contínua) é tão lisa e gostosa de acariciar que Gabriel sai passando a mão por ela e sai andando... andando e indo... andando e sorrindo... andando e rindo... Até perceber que não é só ele que gira, mas todo o imenso salão.

Para, de repente. E para seu assustado espanto, a parede sob sua mão ainda se mexe por mais um segundo. Ele retira a mão dali, surpreso, mas não menos surpreso ainda do que ao ver que a palma daquela mão está dourada como o último raio de sol num dia de setembro às seis e meia da tarde antes de começar a chover numa cidade estranha, onde ele só esteve uma vez quando tinha sete anos...

Ele tenta se limpar daquele ouro, esfregando a mão na camisa. O que cai dali é um pó fino, fino, muito fino. Uma pura e fina purpurina áurea que não se prende no tecido de sua roupa (que estranho), mas cai no chão, desaparecendo na cor dourada do assoalho.

Gabriel olha para a mão. Nem todo o dourado sumiu. Alguns fios muito brilhantes persistem, preenchendo algumas das linhas mais fundas que ele tem traçadas na palma da mão.

“Engraçado como parece um mapa!”

Mas agora ele quer olhar para aquelas velas. Se aproxima de uma das muitas mesas. Em cima dela tem um candelabro cheio de braços, cada um de um tamanho, cada um voltado para um lado, uns retos, outros contorcidos, mas



em cada um deles uma vela acesa. Um, dois, três... são doze pavios que ardem de luz e calor.

Por puro divertimento, o menino sopra a vela que está mais perto de seus lábios. A chama se apaga. Mas não só ela, a daquela vela. Uma a uma, todas vão se apagando. Uma a uma, cada vez mais depressa... puf... puf... puf... como se milhões de pequenas brisas fraquinhas e invisíveis (*mas quem já viu brisa?*) soprassem... ssss... ssss... ssss... até o grande salão dourado mergulhar na mais sólida escuridão.

“Escuro de novo? Puxa vida!”

Impaciente, Gabriel se lembra, de repente, da caixa de fósforos que tem no bolso da calça. Procura, pega, risca um palito e acende uma vela. Não, desta vez não aconteceu a mesma coisa, só que ao contrário... (*quero dizer, ao contrário do que você esperava, acender uma só vela não fez todas as outras se acenderem também.*)

É por isso que Gabriel acende todas as doze velas daquele candelabro descalado.

O menino percebe então que ao lado do castiçal, em cima da mesa, está uma estranha máscara de metal (*metal dourado, é claro: se você já sabia, para que tinha de perguntar?*).

Ela é mais ou menos assim:



Gabriel pega aquela placa de ouro, que não é leve. Traz ela para bem perto de seu rosto e vê que as aberturas coincidem exatamente com seus olhos, nariz e boca.

“Que engraçado! Mas quem será que usa essa máscara tão pesada?”

É então que ele percebe alguma coisa no trecho da parede iluminado pela luz das doze chamas. Ora, se não são palavras escritas em tinta preta!

Gabriel pega uma vela do candelabro e se aproxima daquele estranho texto, que ele não tinha percebido antes, nem mesmo quando o salão era um brilho só.



E o que lê, escrito em letras muito negras, que parecem petróleo a refletir a luz da vela, é

EM MEIO À ILUSÃO DE UM MAR VAZIO
UM LIVRO NADA EM VÃO, POIS NÃO EXISTE
ÁGUA SEQUER, NEM AR, NEM ARREPIO,
NEM SOMBRA JÁ, POR TRÁS DO SOM (OUVISTE?)
QUE ECOA OCO E SECO NO CAIS FRIO
DE TODAS AS PALAVRAS, DA MAIS TRISTE

“Que raio de poesia mais esquisita!” (você tem razão: esquisita, qual é a poesia que não é?) “Quem já viu livro nadar? E ainda mais nadar em vão?”

Só aí é que ele nota que a parede em volta do estranho poema está escavada, como se alguém tivesse passado um objeto bem pontiagudo por ali, traçando um desenho de forma irregular, à maneira de uma moldura para aqueles versos.

“Será que estou delirando, ou esse desenho da parede é igual ao da máscara?”

E trata logo de comparar as duas coisas. E não é que ele não estava delirando? Os contornos da máscara se ajustam perfeitamente à linha do desenho na parede, como se a própria máscara tivesse sido arrancada dali.

E o menino vê então (mais uma surpresa!) que, nos espaços abertos da máscara, onde deveriam estar os olhos, o nariz e a boca, aparecem agora algumas palavras, separadas do resto do poema.



Ele lê aquelas palavras várias vezes: “Um livro existe por trás de todas as palavras, da mais triste”. Não é possível que aquilo não seja uma mensagem. E como todas as mensagens enigmáticas, aquela só pode estar cifrada.

“Ora, o primeiro passo para decifrar uma mensagem é estudar a ordem das palavras” (*Gabriel está certo de pensar isso, afinal ele é muito menos bobo do que você... do que você está pensando, quero dizer*).

Lembra que tem um lápis e uma caderneta no bolso da camisa. Então ele tenta, retenta, se senta, setenta... até que, muitos rabiscos depois, se depara com esta frase: “Existe um livro por trás da mais triste de todas as palavras”.

(*Será demais eu pedir para você acreditar que Gabriel está pensando que pode ter um livro escondido ali, naquela parede? não? então, combinado: foi isso mesmo o que ele pensou.*)

“Quem sabe essa parede é oca e atrás dela tem alguma coisa?” Mas que coisa, Gabriel? “Só pode ser um livro, está escrito aí, não é?”

Ele, porém, não quer sair escalavrando aquela parede, assim, sem mais sem menos. Afinal, a máscara está sorrindo e dizendo que o livro está “por trás da mais triste de todas as palavras”.

“Bom, se o livro está nessa parede, ele deve estar atrás da palavra mais triste... da mais triste palavra... do poema, é claro!”

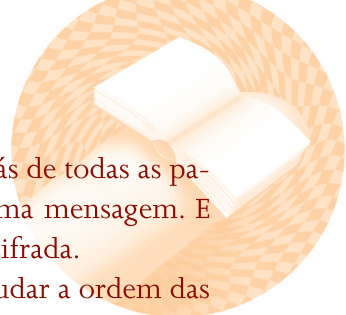
É claro como mil velas acesas, só pode ser. Ele retira a máscara da parede e começa a reler o poema.

“Puxa vida, palavra triste é o que não falta aqui! *ilusão, arrepio, em vão, sombra, oco, frio...*”

Com a ponta do lápis, ele vai batendo de leve sobre essas palavras, mas sente que nelas a parede é teimosa e maciça — não há de ter livro nenhum guardado ali. O jeito é fazer o teste em todas as palavras. Para sua alegria, o plano funciona, pois logo na segunda linha ele ouve um pequeno eco por trás da palavra *nada*. Imediatamente, Gabriel força a ponta do lápis sobre a pintura, e ela cede com a facilidade do mundo, como se nada estivesse recobrimdo a parede. Então, no buraco.

No buraco, Gabriel se aproxima dele com a vela na mão, para espionar o que está dentro. E ele vê, por mais que custe a acreditar, um livro do tamanho da cabeça dele no seu polegar esquerdo (*que é ligeiramente maior que o direito*). Sim, um livro minúsculo, um único, provavelmente (*se é que alguma coisa nesta vida se pode provar*) o menor livro do mundo.

Com muita delicadeza, usando sempre a ponta do lápis, Gabriel consegue tirar o livro do buraco com muita graça naquela ínfima obra impressa, de capa preta dura, mas sem nenhum.



“Vamos ver o que tem escrito!”

Abre o livrúsculo com a ponta dos dedos. Mas a primeira página está em branco. Como, aliás, a segunda. Por sinal, a terceira também. Não que na quarta tenha algo escrito, nem muito menos na quinta. A sexta, por sua vez, é de uma brancura exemplar, superada talvez somente pela alvura muito alva da sétima... (Sim, é isso mesmo que estou tentando te dizer: o livro não tem uma só mancha de tinta!)

Que decepção para o menino! Depois de máscara e mensagem, descobrir um livro sem nada escrito (ou com nada escrito? eu nunca sei muito bem como ou quando, e até mesmo por quê, usar essas palavrinhas com e sem junto de nada... triste mesmo é quando escuto alguém dizer mais nada ou, pior ainda, nada mais... você certamente já passou por isso, no supermercado, quando a pessoa do caixa pergunta: “só isso? nada mais?”... eu mesmo não sei se respondo “não” ou “sim”, porque, veja bem... o quê? ah, sim, desculpe...).

Um pouco irritado, Gabriel vai fechar o livro quando escuta uma voz muito fina dizer:

— Espere! Que pressa é essa?

Gabriel tem certeza que a tal da voz veio do livro, mas será possível?

— Você disse alguma coisa? — pergunta ele dirigindo-se ao livrim, sem medo de passar por ridículo, já que está tão só ali quanto aquela árvore solitária num raio de trezentos quilômetros em pleno deserto do Saara, que eu e você vimos uma vez numa fotografia (era mesmo um baobá? não me lembro muito bem, depois a gente confere).

— Evidentemente que eu disse alguma coisa! — responde o livro. — Que mal há nisso?

— É que livro normalmente não fala — Gabriel tenta se justificar.

— Nunca ouvi maior estultícia nem nescidade — é a réplica.

— Como assim nessa idade? — Gabriel confuso.

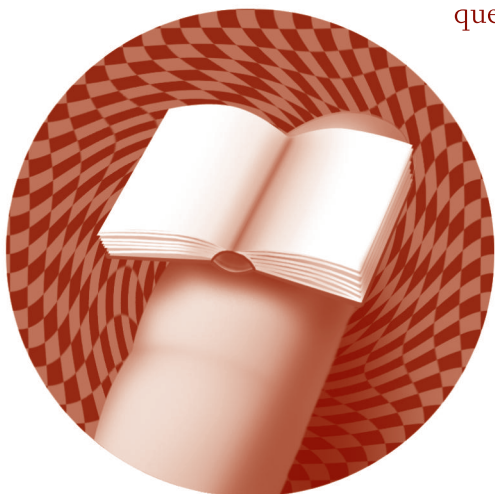
— Idade? Que idade? Idade nenhuma... Mas de que idade você está falando, ó menino?

— Eu não estou falando de idade, você é que começou.

— Eu não disse nessa idade, eu disse nescidade...

— E essa palavra existe?

— É claro que existe, e mesmo que não existisse antes, passaria a ter existência, uma vez que eu a pronunciei.



— E o que quer dizer, afinal, *nescidade*? — pergunta Gabriel, achando a coisa mais natural deste mundo a gente conversar com um livro.

— *Nescidade* é estultícia, ou estultice, vale dizer, burrice, isto é, parvoíce, ou seja, estupidez... — responde o livrinhoto, que é mesmo muito descarado e desbocado (*talvez porque não tenha nem cara nem boca*).

— Então eu sou estúpido e burro porque disse que normalmente livro não fala — conclui o menino.

— Precisamente — confirma o livrico. — Você por acaso consegue ler sem ouvir as palavras que está lendo? Consegue, hem, responda, vamos, diga, consegue, hum, hum, hum...?

— Bem... quando eu estou lendo... eu acho que... — Gabriel hesita, mas o livritito não deixa ele pensar em paz:

— Sim, sim, vamos, diga, sim, o que é, quando está lendo, você o quê...?

— Quando eu estou lendo... eu escuto as palavras, sim... mas escuto dentro de mim, na minha cabeça, aqui dentro — e ele toca a cabeça com a ponta do lápis que ainda está segurando entre os dedos.

— Meu filho, pouco me importa, pouquíssimo se me dá, estou ligando a mínima se você escuta dentro ou fora, para cima ou para baixo, na cabeça ou no pé... O importante, responda, o importante, responda com uma só palavra, o importante, diga, por favor, é: você ouve as palavras ou não ouve?

— Ouço...

— Então, meu amigo, se você ouve as palavras que lê num livro *é porque o livro fala!* Não confunda ouvir a voz de alguém com ouvir as palavras que alguém ou alguma coisa está lhe dizendo, ainda que seja por escrito. Tome nota!

— Tomar nota? Tomar nota do quê?

— Disso que acabei de lhe dizer, do que mais? Afinal, se você não começar a tomar nota, não vai sair daqui tão cedo.

— Sair daqui?

— Claro! — retruca o minilivro. — Você mora aqui por acaso?

— Não!

— Pretende, por acaso, passar aqui o resto de sua vida?

— Não, eu...

— Então, para sair daqui, você precisa começar a tomar nota, antes que as velas se apaguem, antes que o tempo se esgote.

— O tempo se esgote para quê?

— Agora não é o momento, tudo a seu tempo. Seis velas já se apagaram. Apenas tome nota: ler é ouvir as palavras, mesmo que estejam impressas num



livro, num cartaz ou numa parede. Toda palavra é som. Escrita, falada, pintada, cuspidada ou escarrada, esculpida em Carrara... Toda palavra é som. Por isso o livro fala. Tomou nota?

Gabriel pega o lápis e tenta escrever alguma coisa na sua caderneta. Mas o livro não sossega:

— O que é que você pensa que está fazendo?

— Estou tomando nota.

— Mas quem mandou você escrever?

— Você não mandou eu tomar nota?

— Sim, mas desde quando tomar nota é escrever? Como você confunde as coisas, não é? Você sabe latim?

— Latim?

— Sim, latim...

— Latim?

— Isso mesmo, a língua dos cães...

— Latim! — exclama Gabriel.

— Eu disse a língua dos cães, e não a dos papagaios... Por que você fica repetindo “latim, latim, latim”?

— É que eu não sabia que o latim era a língua dos cães...

— Evidentemente não sabia, senão não estaria dizendo que não sabe. Pois fique sabendo que os cães foram os primeiros animais a falar. Depois descobriram que saber falar era uma coisa muito perigosa para a sobrevivência da espécie. Foi assim que, tendo domesticado os seres humanos, ainda na pré-pré da



pré-história, os cães ensinaram as pessoas a falar. Evidentemente, sendo cães, só podiam ensinar uma língua: o latim.

— Puxa vida!

— É em homenagem a esses caninos pioneiros, mestres da humanidade, que até hoje nós nos referimos aos cães como os bichos que sabem latir. Veja que os primeiros homens que aprenderam a falar até fizeram aquela estátua famosa de dois meninos mamando nas tetas de uma cadela. Na verdade, eles não estavam tomando leite! Eles estavam aprendendo a latir! Mas como *leite* e *latim* são palavras muito parecidas, os escultores, na hora de fazer a estátua, confundiram *laticínio* com *latim* *te ensino* e saiu o que saiu...

— Não consigo acreditar...

— Ah, não, João Sabichão? Então me responda, qual é o parentesco entre a palavra *cão* e a palavra *latir*? Elas se parecem de algum modo? Você consegue ver alguma semelhança entre elas?

— Não.

— Isso mesmo! Qual é o parentesco então? Nenhum, nenhum, nenhum. Sendo cães eles deveriam *cantar*, não é mesmo? Assim como dizemos que os livros *livram*, que os *ímãs* *imitam*, que o *chá* *chateia*, que o *dedal* *deduz*, que o *ar* *arde*, que o amor *amortece*, que a *vigia* *vigora*, que o *queixo* *se queixa*, que a *cola* *colabora*, que o *destro* *destrói*, que a *alma* *almeja*, que a *bruxa* *bruxuleia*, que o *rei* *reivindica*, que o *tempo* *tempera*, que o *estar* *estarruce* e o *ser* *serpenteia*, assim também deveríamos dizer que os cães *cantam*. Mas não! Nós dizemos o quê? Dizemos que os cães *latem*. E justamente porque foram eles, está ouvindo bem, foram eles, e ninguém mais neste mundo, foram exatamente eles que ensinaram o *latim* aos homens.

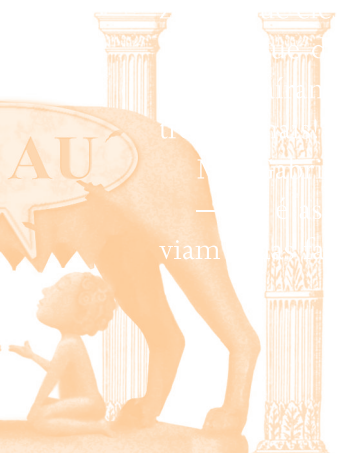
— Então por que é que o gato mia, o leão ruga, o burro zurra, o cavalo relincha, o sapo coaxa, a vaca muge, a pomba arrulha e o lobo uiva? — pergunta Gabriel (que, como eu já disse, de bobo não tem nada).

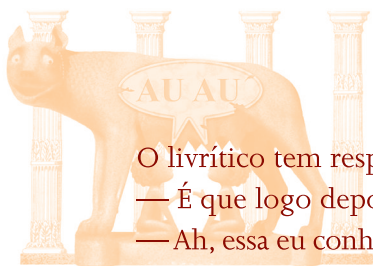
O livrisco não se dá por achado:

— Justamente porque vocês, seres humanos, são uns descabelados! Só por milênios atrás, seus antepassados homenagearam os cães *di-*
iam, em vez de seguir a lógica e dizer que eles *cantavam*, home-
ser única, *peremptória* e *sempiterna*, os bobos que vieram
entando os nomes mais estapafúrdios para as vozes dos ou-

nda não se dá por vencido:

por que as pessoas falam tantas línguas diferentes? Não de-
ó o *latim* que elas aprenderam dos cães?





O livrítico tem resposta para tudo:

— É que logo depois aconteceu aquela famosa história da Torre...

— Ah, essa eu conheço! — se adianta Gabriel. — A história daquela torre alta, alta, muito alta, que as pessoas construíram para tentar chegar até o céu, mas aí Deus ficou zangado e só de castigo fez cada pessoa falar uma língua diferente...

— Só que, antes de começar a falar em línguas diferentes, aqueles homens lá ficaram babando, babando, babando feito uns cachorros bobos por quarenta dias e quarenta noites... — retoma o livro. — E é por isso que a torre se chama Torre de Babel...

— Ora essa... — comenta Gabriel.

— E foi assim que os homens, que antes só falavam latim, se espalharam pelo mundo afora e pela terra adentro — prossegue o livrotico —, falando um milhão de outras línguas mais: algazarra, algaravia, balbúrdia, ingresia, persiana, veneziana, barbarismo, gringo, barbitúrico, espanéfico, franciscano, além-mar, portuário, inglório, falanstério, boataria, zíngaro, freguês, manganês, montanhês, pequinês, torquês, tartamudez, desfaçatez, insensatez, xerez, jaez, soez, diga-outra-vez, solilóquio e, evidentemente, babilônio...

— E por que afinal você me perguntou se eu sabia latim? — pergunta Gabriel, já tonto com essas explicações intermináveis.

— Porque eu mandei você tomar nota, e se você soubesse latim, saberia que nota não tem nada a ver com escrever.

— Ah, não?

— Não! — grita o livrinheco tão alto que até treme nas mãos de Gabriel. — Nota é o plurivérbio participial mais-que-suspeito do diminutivo esconjurado do passado desfeito da pressuposição notícia, que em latim significava “conhecer”. Repare que nesse significado não se faz a mais remota referência ao ato de escrever.

— Então “tomar nota” quer dizer apenas “prestar atenção”, “tomar conhecimento” — sugere Gabriel.

— Muito bem! Isso mesmo... — comemora o livrinhítico.

— Então eu não preciso escrever o que você me disse?

— E o que foi mesmo que eu lhe disse?

— Ah... eh... bom... esqueci. Afinal, eu não tomei nota, quer dizer, eu não escrevi...

O microlivro deixa escapar um suspiro de desânimo. Fica mudo por alguns instantes.





— Vamos deixar tudo isso de lado e cuidar do que interessa — é o que ele diz quando finalmente volta a falar. — E o que interessa é você sair daqui, e me levando junto. Só resta agora uma vela acesa. E quando ela se apagar, este salão vai desaparecer, e nós com ele!

— E como é que se sai daqui? — pergunta Gabriel.

— Evidentemente, pulando a janela.

— Mas que janela? Eu andei por essa sala toda quando as velas estavam acesas e não vi janela nenhuma.

— Ah, não? E por onde foi que você entrou?

— Pela porta.

— Que porta?

— Aquela ali... — e Gabriel aponta na direção da porta.

— Vamos até lá, sim? — pede o livreto.

Gabriel se levanta, com o livro na palma de uma das mãos. Com a outra segura a vela. Caminha um pouco até onde acha que vai encontrar a porta. Fica surpreso com o que vê.

— Se você chama isso de porta — diz o ínfimo livro —, a gente vai ter muita dificuldade de se entender.

Afinal, é mesmo uma janela que está ali. Uma janela alta, envidraçada, que deixa ver, do outro lado, um longo corredor mal iluminado.

— Como você chama isso, Gabriel?

O menino se espanta quando ouve ser chamado por aquele nome. Mas trata logo de responder:

— Isso eu chamo janela.

— Ah, que bom! Então vamos pular já nela!

Por alguma razão, porém, antes de obedecer, o menino pergunta:

— E você, como se chama?

— Eu me chamo Tomenota — responde o livritítico.

— Então por que não tem nada escrito na sua capa?

— E quem disse que não tem?

Gabriel fecha levemente o belisco de livro e vê, gravado em letras douradas na capa preta, TOMENOTA.

Quando volta a abrir o livro, vê que agora, na primeira página, tem alguma coisa escrita. Traz a palma da mão para bem perto dos olhos, mas as letras são tão mínimas que não consegue decifrar nada. Lembra de pegar a lupa que traz no bolso menor do colete. É com ela que pode ler então:



ESCREVER É OUTRO MODO DE FALAR.

LER É OUTRO MODO DE OUVIR.

ASSIM, AS MÃOS FALAM.

ASSIM, AS BOCAS ESCREVEM.

DIZER É SER. ESCREVER É VER. VER É VIVER.

FAZER = FALAR + DIZER

— Quem foi que escreveu isso aí? — pergunta ele.

— Ninguém escreveu. *Você* é que tomou nota — responde o lilivrinho. —

Será que agora, finalmente, podemos pular, antes que o tempo se esgote?
Só então Gabriel sente que a vela em sua mão já é um toco que ele mal consegue segurar. Sem perder mais tempo, ele guarda o livrinho no bolso da calça, gira o trinco da janela, empurra as vidraças para trás, deixa a vela cair no chão e passa as duas pernas para o lado de lá.

